



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociologia da Educação
Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 879-892, nov./dez. 2018
ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

VIOÊNCIA NAS ESCOLAS: um desafio para o professor¹

SCHOOLS VIOLENCE: a challenge for the portuguese teacher

Ana Claudia Fernandes Ramos

RESUMO

Este artigo discute a violência nas escolas e os desafios que o professor enfrenta ao se deparar com essa realidade, com o objetivo de observar o comportamento desses alunos. Foi realizado uma pesquisa de campo em três escolas públicas na cidade de Sinop, no Estado de Mato Grosso. Fundamentou-se principalmente nas autoras Mirian Abramovay e Sheila Daniela Medeiros dos Santos. Concluiu-se que esses problemas vão além da escola pois essa violência pode ser física, moral, verbal ou psicológica, e é importante que o professor contribua na formação dos alunos para que desistam de tais atitudes, amenizando esse problema que preocupa toda a sociedade.

Palavras-chave: Escola Pública. Violência Escolar. Desafios do Professor.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **VIOÊNCIA NAS ESCOLAS UM DESAFIO PARA O PROFESSOR**, sob a orientação do Dr. Edison Antônio de Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

² Resumo traduzido pela professora Mestre Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

This article discusses the schools' violence and the challenges that the teacher encounters when faced with this reality. The objective was to observe the students' behavior. In this sense, it was made a field research in three public schools in Sinop city, Mato Grosso State; the search was based mainly on the authors Mirian Abramovay and Sheila Daniela Medeiros dos Santos. It was concluded that these problems go beyond school context since this violence can be physical, moral, verbal or psychological. Therefore, it is really important for the teacher to contribute on the student education expecting him to give up such attitudes, softening this problem that worries all society.

Keywords: Public School. School Violence. Teacher's Challenges.

Correspondência:

Ana Claudia Fernandes Ramos. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: anaclaudiafr27@gmail.com

Recebido em: 20 de setembro de 2018.

Aprovado em: 27 de setembro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3332/2383>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda questões relativas à violência entre alunos de algumas escolas estaduais e municipais de Sinop, Mato Grosso (MT) e também a reação dos professores ao se depararem com esse tipo de situação, mais pontualmente quando esta questão interfere no comportamento dos alunos em sala de aula. Um exemplo disso são agressões físicas e/ou verbais, revelando assim esse fenômeno que está presente em toda a sociedade.

Nesse sentido, a problemática que envolve este artigo, gira em torno de questões como: de que tipo de violência estamos falando? Como o professor deve agir ao se deparar com certas situações em sala de aula? O professor deve interferir ou até mesmo se envolver? Se interferir, até que ponto ele pode ajudar ou não diante de uma situação assim? Estamos nos referindo a todos os tipos de violência seja ela física, moral, sexual, verbal, psicológica, seguida de atos violentos como:

agressões, discriminações, preconceitos, *bullying*, ameaças, intimidações, humilhações e isso vem acontecendo não só nas ruas mas também nas famílias e no ambiente escolar.

Assim, com a contribuição de autores como Abramovay (2003) e Santos (2002) analisamos a violência no ambiente escolar, com o objetivo de identificar a “violência na escola” e a “violência contra a escola” (como a destruição do patrimônio público, por exemplo).

2 VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: desafio constante

Em nossa sociedade, podemos observar diariamente acontecimentos que envolvam violências nas escolas (ARAÚJO, 2002) sejam elas agressões verbais, físicas, morais, mas nem sempre verificamos, ou melhor, enxergamos algo que justifique esses comportamentos, e conseqüentemente cabe aos professores um olhar mais atento e observar de uma forma mais crítica o comportamento desses alunos.

Esses problemas são mais agravantes quando falamos de pessoas que carecem de uma estrutura familiar, onde o diálogo na maioria das vezes aparece em segundo plano ou ainda quando a violência simbólica (ABRAMOVAY, 2003) que acontece nas escolas se transforma em uma causa banal onde agressões e xingamentos podem aparentemente não significar nada, mas ferem profundamente, deixando a criança deprimida, agressiva, ou até mesmo revoltada com tudo e com todos.

Além das dificuldades de convivência com as demais pessoas do seu meio, o que afeta diretamente no seu comportamento também no ambiente escolar. Quando os professores não estão devidamente preparados para receberem esses alunos o resultado dessa situação possivelmente será de conflitos entre ambos (ABRAMOVAY, 2003), não havendo assim a possibilidade de acordo, já que disciplina geralmente é algo que a maioria dos alunos com esse perfil desconhece, pois, humilhações e ameaças são constantes, sendo assim, Pontes e Cruz (2010, p. 49) discorrem que:

A invisibilidade desse tipo de violência se associa à perniciosa visão de identificar violência somente a violência física, podendo dar espaço no relacionamento a permissão da violência psicológica e, conseqüentemente, à perda e controle do conflito gerando formas mais contundentes de violência [...].

E na maioria das vezes que presenciamos atos violentos principalmente nas escolas, acabamos por esquecer que esses alunos, mais especificamente os adolescentes, também são vítimas de maus tratos e carregam traumas psicológicos sofridos desde a infância, tornando assim a escola seu lugar de refúgio preferido, pois diante dos fatos que Araújo (2002, p. 14) aponta:

Nas escolas e nos debates, as poucas e simplificadas explicações surgidas para a questão apontavam como causas a “falta de educação dos alunos”, a “indisciplina”, a “falta de pulso do professor”, a “rebeldia dos jovens”, além de terem um tom conclusivo e sedento de receitas de como agir com os alunos, que providencias tomar, a que chamar.

E além de todas as situações, durante a realização dessa pesquisa, percebermos que esses alunos acabam sendo vítimas de uma situação que escraviza para o lado violento, pois nem sempre tem com quem partilhar essa dor tornando assim seu professor uma espécie de psicólogo onde o aluno o enxerga como seu “porto seguro”, sentindo-se protegido ou até mesmo livre dessas ameaças que vem sofrendo.

Quando isso ocorre geralmente é por falta de interesse dos pais, o que não deveria acontecer, como concorda Pontes e Cruz (2010, p. 53) “A participação da comunidade escolar deveria representar interação entre as partes ligadas à comunidade. O interesse seria a participação espontânea dos cidadãos, já que a escola deve pertencer a todos democraticamente”, porém famílias desestruturadas, conflitos sociais, violência doméstica são fatores que os alunos carregam e acabam contribuindo para ajudar o professor em suas observações, principalmente quando se depara com uma visão desagradável, porque:

O tumulto é um espetáculo: dois garotos se enfrentam. Cada um procura machucar o outro. A tensão aumenta. Uma roda se forma em volta deles. Chega um inspetor. Dispersão. Um dos brigões é mandado para a enfermaria. O outro, na hora da saída, é esperado pelos amigos do seu adversário. Eles o deixam estendido no chão, quase desacordado e desaparecem. (COLOMBIER; MANGEL; PERDRIault, 1989, p. 23).

Cenas como essa torna-se cada vez mais comum não só nas escolas, mas em vários espaços da sociedade, ou como Araújo (2002, p.43), em suas pesquisas nos lembra que:

Não há dúvida de que a violência presente nas escolas tem sido um dos problemas sérios enfrentados pela Educação, o que, de certa forma, reflete a violência em outros espaços sociais nos quais a população é testemunha, vítima e co-responsável.

Isso nos leva a refletir que o jovem envolvido está sempre vulnerável, pois, esse tipo de violência está presente nas praças, áreas de lazer ou outros ambientes, porém o que mais nos preocupa seria a escola, por se tratar de um local onde crianças e/ou adolescentes deveriam sentir-se seguros, num ambiente acolhedor.

Diante disso, fica nossa preocupação em como o professor pode agir em defesa, ou como mediador dessa paz que as crianças e/ou adolescentes procuram nas escolas, ou segundo Santos (2002, p. 48-49) aponta que:

Tendo em conta estas considerações teóricas, posso dizer que minha preocupação não está em descrever como serão as próximas cenas mórbidas de violência que poderão ocorrer na escola, uma vez que não me sinto tentada a aventurar-me nesse tipo de previsão, nem está em denunciar aqueles que esperam, pacientemente, que o homem faça a opção certa em relação ao fenômeno da violência, afinal, diante de uma situação que está em ruínas, preocupações como estas, que deslizam e se esvaem como areia entre os dedos, tornam-se, para mim e acredito que para cada um de nós, flagrantemente óbvias”.

Sendo assim, em minhas pesquisas, percebi que o professor se destaca com um papel importante na vida desses alunos que esperam encontrar nos estudos uma chance de conseguir alcançar um futuro melhor, além disso, abraçamos um mundo com muito mais dificuldades de que gostaríamos porque não sabemos como lidar com essa violência presente em nosso meio. O mais provável é que quando isso ocorre ficamos sem ação, sem saber o que realmente pode ser feito, já que nem sempre uma advertência ou mesmo uma suspensão parece resolver o problema (ARAÚJO, 2002).

Contudo, torna-se imprescindível a participação dos pais na vida escolar desses alunos, principalmente se tratando de um aluno/problema, o que leva o professor buscar alternativas para tentar amenizar esses casos que é constante nas

escolas e insiste em assombrar o comportamento desses alunos (ARAÚJO, 2002). A solução para o professor nesse caso, seria usar de sensibilidade para perceber quando o aluno realmente é mal educado e precisa ser corrigido oferecendo limites pra esse aluno, ou se naquele momento tudo que ele precisa é apenas de um pouco de atenção.

3 A VIOLÊNCIA COMO UM GRANDE PROBLEMA ESCOLAR

Como analisamos anteriormente violência não é algo simples de se falar, pois sabemos que acabamos por envolver pessoas que fazem parte do cotidiano do aluno e conversar sobre tal comportamento sempre é algo que incomoda ambas as partes (professor e pais/responsáveis). Porém não há alternativa para que se possa amenizar a situação e na maioria das vezes o diálogo torna-se necessário na tentativa de encontrar uma solução para amenizar um problema (ARAÚJO, 2002).

Existem várias formas de violências que podemos presenciar nas escolas (ABRAMOVAY, 2003), porém ainda é um erro quando consideramos “comum” simplesmente pelo fato desses atos se fazerem presentes em nosso meio e apesar desse desafio ser constante ainda assim ficamos de mãos atadas para determinadas situações e quando nos deparamos com a realidade vemos que o aluno nada mais é do que reflexo daquilo que ele vive em casa.

A violência doméstica nem sempre deixa hematomas expostos e algumas condições familiares acabam favorecendo essa violência com pais agressores, que gritam, xingam, humilham.. (ABRAMOVAY, 2003) ferindo assim somente o psicológico de quem a sofre e o pior é que nos esquecemos de que esses jovens agressores continuarão fazendo parte de nossa sociedade.

Apesar de saber que o professor não pode ser responsabilizado quando não consegue inverter a situação (comportamento) desse aluno, Araújo, (2002, p. 133), nos questiona: “como deveria se comportar um professor? como ele deveria orientar moralmente esse aluno?” Cabe ao professor lembrar de que o papel de ensinar vai além da sala de aula, porque também é muito comum falar de violências fora da escola, principalmente quando essa violência acontece contra o patrimônio público, como depredações (ARAÚJO, 2002), quebra dos bancos de uma praça ou algo

assim e é também papel do professor (junto com os pais/responsáveis) preparar esse aluno para ser um bom cidadão.

Diante dessas situações vividas esses alunos acabam ficando “marcados” ou mal vistos pela própria instituição em que estudam e em casos mais graves os demais alunos não gostam de se enturmar com eles pelo fato de sentirem medo do que poderá acontecer (ARAÚJO, 2002).

Para a nossa sociedade (SANTOS, 2002), muitas vezes relacionamos esses alunos agressivos com o meio em que vivem (pobreza, miséria...). Porém, além de sofrerem discriminação apenas por serem moradores do local apresentado infelizmente alguns são influenciados por uma falsa ilusão de que entrando para a criminalidade conseguirá com mais facilidade uma melhora em sua situação financeira e com isso poderá melhorar sua autoestima, o problema é que essa situação é somente momentânea e seu final poderá ser trágico, por isso Abramovay (2002, p. 39) supõe que:

Os jovens sentem-se discriminados por várias razões: por serem jovens, pelo fato de morarem em bairros da periferia ou favelas, pela sua aparência física, a maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros.

Além disso, as escolas que apresentam muitas ocorrências sobre os fatos citados acima buscam de alguma maneira soluções que vão além das salas de aula, pois são muitos os casos de alunos agressivos, usuários de drogas, outros que os próprios pais perderam o controle da situação e nesse caso na maioria das vezes a escola é sua única fonte de referências.

Esses tipos de violências acabam sendo comum, pois Araújo (2002, p. 46) relata: “Quanto mais frequente é a violência cotidiana vivenciada, maior parece ser a normalização da violência.” Por isso, algumas vezes nos deixamos levar pelas emoções, ou até mesmo sentimos certo preconceito (muitas vezes camuflado) pelo simples fato de não poder dizer ou demonstrar que esses alunos não são bem vindos nas escolas porque acabam “sujando” o nome da escola ou o bairro em que moram, causando certo alívio quando esses alunos são transferidos, mesmo que para isso, abandonem sua casa, escola e família (ARAÚJO, 2002).

Apesar da luta constante que o professor apresenta para com esses alunos, durante minhas pesquisas, percebemos que muitos responsabilizam sua escola por isso, alegando que houve falha na educação ou de apoio psicológico como se a escola fosse a única responsável por suas atitudes e isso causa uma imagem negativa da instituição e sobre a atitude do professor nessa situação, Araújo (2002, p. 57) nos alerta que: “Ninguém está aprendendo na faculdade como lidar com a violência”.

Além dos problemas citados podemos perceber também que pequenas discussões, agressões físicas consideradas leves, brincadeiras de mau gosto... estão cada dia mais presente nas escolas, talvez por isso acabam sendo agressões banalizadas (ARAÚJO, 2002) e na maioria dos casos não são considerados atos de violência, porém os que sofrem com ela não partilham dessa visão e acabam sofrendo muito com essa situação e pensando nisso Abramovay (2002, p. 75) aponta que: “Assim professores não veem, não reclamam, e as vítimas não são identificadas como tais.”

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa as observações foram realizadas no horário das 17h, ou seja, no horário da saída dos alunos onde se aglomeram todos os alunos num mesmo instante, com o objetivo de observar como seria o comportamento desses alunos considerados violentos, já que nas ruas se sentem mais livres com suas ações. Vale lembrar que para a realização dessa pesquisa, todos os nomes (bairros, escolas e professores) serão preservados. Sendo assim denominamos Escola A, Escola B e Escola C.

Durante observações na Escola A (Escola Estadual de Ensino Fundamental-6º ao 9º ano) aconteceram provocações causadas por discussões iniciadas na hora do intervalo, o que, segundo Araújo (2002, p. 120) denomina “como uma “violência gratuita”, sem motivo real: “É uma desculpa” ou “uma oportunidade para cair numa briga”. Nessa escola também observei que havia muitos grupinhos entre amigos de adolescentes que acendiam cigarro e fumavam em grupo, numa roda de conversa depois da aula.

Observando a Escola B (Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio) fui surpreendida com relatos de alunos que sempre acontecem práticas de violências na saída dessa escola, porém ao questionar algum aluno ou funcionário sobre o assunto ninguém se pronuncia a respeito e Araújo (2002, p. 37) em suas pesquisas também percebeu que:

Falar de violência é sempre difícil para o jovem, que teme ser associado a ela. Falar de violência dentro da escola torna-se mais complicado ainda, pois os alunos receiam ser “delatados” para a direção da escola e, assim, procuram sempre minimizar suas participações nas situações de violência.

Por isso, falar de violência torna-se algo polêmico, o que causa certa preocupação, principalmente quando se trata de jovens cursando o Ensino Médio.

Durante minhas observações na Escola C (Escola Municipal de Educação Básica- 1º ao 5º ano) notei considerável diferença em relação às duas escolas anteriores. Nas instituições de educação básica agressões físicas são mais recorrentes e isso se justifica pelo fato de serem crianças, naturalmente mais impulsivos.

É preciso esclarecer que grande parte desses desentendimentos são ocasionados pelo fato de que muitos desses alunos retornam para casa sozinhos, já que os pais trabalham e esses alunos ficam expostos a vulnerabilidade, o que leva a supor que com a presença de um adulto responsável muitos erros poderiam ser evitados.

5 BUSCANDO POSSÍVEIS RESPOSTAS

Considerando o fato dessa pesquisa ser a violência nas escolas e como o professor deve agir diante de alunos com comportamentos agressivos, iniciei minha procura de professores para responderem os questionários referentes a esse assunto e me deparei com situações diversas: alguns se recusaram, uns alegaram falta de tempo, outros ainda não gostariam de se comprometer.

Depois de certa procura alguns professores gentilmente aceitaram responder ao questionário elaborado, contribuindo assim com minhas conclusões, visto que o principal foco nesse trabalho é, sem dúvida, o aluno, porém, o professor apresenta

um papel fundamental na vida dele e também é o professor que terá que se preocupar com novos métodos para que esse aluno não perca o interesse em aprender, já que alunos retidos apresentam comportamentos violentos e muitos não tem nem mesmo os conhecimentos necessários no processo de ensino-aprendizagem .

Os questionários a seguir foram respondidos por professores da Escola B e da Escola C, não havendo alterações nas respostas, preservando exatamente o que foram escritos pelos professores.

1 - De que maneira o professor pode colaborar para que esse fator (violência) seja amenizado em nossas escolas?

(01) Professor A: Trabalhando valores, nas rodas de conversa, com dinâmicas, debates, ensinando o que é certo ou errado.

(02) Professor B: Através de diálogos, através do conteúdo, trabalhar de forma a envolver esse aluno que é violento.

2 - A escola deve interferir, mesmo sendo a violência realizada fora do ambiente escolar?

(03) Professor A: A partir do momento que interferir no ambiente escolar, sim.

(04) Professor B: Deve interferir quando vem esse problema para a escola.

3 - É realmente necessário envolver o Conselho Tutelar ou policiais para resolver alguns casos de violência dentro da escola? Quando isso ocorre como fica a imagem da escola?

(05) Professor A: Quando a violência ultrapassa o limite admissível, que causa danos físicos. A imagem permanece igual, ou melhor, porque cumpriu o seu dever.

(06) Professor B: Alguns casos, os mais severos. A imagem da escola não é bem vista, mas não cabe a escola educar e sim ensinar.

4 - Após cada ato de violência é comum que os alunos recebam advertência ou suspensão, mas será que o problema realmente se resolve dessa maneira?

(07) Professor A: Estas ações só acontecem depois de muito aconselhamento, algumas vezes resolve, e em outras não, depende muito da família e do aluno em questão

(08) Professor B: A suspensão vem acompanhada de vários fatores. A tentativa é que haja uma reflexão da família de que a escola é um local de aprendizagem.

5 - Esses alunos considerados violentos são realmente bem-vindos na escola?

(09) Professor A: Todos os alunos são aceitos na escola, não podemos discriminar, porém estes alunos merecem receber orientação, para que a violência seja pelo menos amenizada, se isto for possível.

(10) Professor B: Não, porque às vezes o próprio corpo docente pode sofrer a violência por parte desse aluno e ameaças como muitas vezes já foi feito.

Analisando a contribuição dos professores para a realização dessa pesquisa, podemos então notar as diferentes opiniões que eles apresentam e a fragilidade que se encontram em relação à violência e com isso continuamos com a dúvida de como podemos ajudar ou interferir no comportamento desses alunos, ou como Araújo (2002, p. 70) relembra: “violência não leva a nada, mas acha difícil isso ser introjetado por eles, que vivem em clima de violência e tensão em seus locais de moradia, deixando a escola sem ações eficazes, já que a maior parte do tempo esses alunos não estão na escola.”

Esse problema não fica somente na escola, pois como foi dito anteriormente esses alunos também fazem parte de uma sociedade (SANTOS, 2002) com condições econômicas, sociais e culturais diferentes, e sabemos que não importa

sua condição psicológica, o ambiente escolar deveria ser um lugar de acolhida para todos igualmente.

Felizmente identificamos professores dispostos a ajudar alunos com o perfil violento, professores que ainda acreditam que a escola tem um papel importante na vida desse aluno e se não desistirem dele, através de muito diálogo, projetos de música, dança ou teatro conseguem trazer aos poucos esses alunos para outra realidade o livrando desse “mundinho” onde a violência prevalece, mas de acordo com Abramovay (2002, p. 74):

No cotidiano das escolas, existem vários exemplos de violência institucional, como, por exemplo, alunos que relatam que há professores que tem dificuldade de dialogar com eles, humilhando-os e ignorando completamente seus problemas, não querendo nem sequer escutá-los, pois fala que “a professora não tem nada a ver com isso”. Outros tratam mal os alunos- “safado- marmanjão-“, recorrem a agressões verbais e os expõem ao ridículo quando estes não entendem algo ou quando não conseguem responder a uma pergunta.

Apesar de perceber nas minhas pesquisas que existem professores que preferem não falar do assunto (violência) eles também sofrem quando se deparam com um ex-aluno que entrou para a criminalidade, por isso ao se deparar novamente com essa situação o professor sempre deve buscar alternativas que provoque a vontade de estudar dos alunos, principalmente aqueles que apresentam dificuldades em se relacionar com os colegas, ou tem comportamentos violentos.

Ainda buscando informações que nos auxiliam nesses problemas no cotidiano da escola, Abramovay (2002, p. 75) faz um alerta sobre o papel do professor na responsabilidade sobre os alunos, visto que este passa boa parte do seu tempo nas escolas nos lembrando que:

A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem sobre a escola. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação (física, moral e simbólica). Apesar disso, grande parte dos jovens apresenta uma visão positiva sobre a escola, o estudo e o ensino.

Se apesar de toda a violência simbólica sofrida na escola, o aluno ainda considera a escola um bom lugar, quem sabe não houve uma melhor acolhida por

parte dos professores e dos funcionários em geral, respeitando a diversidade sociocultural? Assim essas violências seriam substituídas por solidariedade e amizade no espaço escolar, facilitando assim a convivência com toda a comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das pesquisas realizadas, podemos considerar que quando se fala de violências nas escolas não estamos falando de um fato isolado, que só acontece nos grandes centros ou ainda que a escola “não tem nada a ver com isso”, porque se o professor trabalhar em conjunto com toda a comunidade escolar, apesar de percebermos que tanto professores quanto funcionários que convivem diariamente com esses alunos não estão preparados para esse tipo de situação (ARAÚJO, 2002), porque o medo também se faz presente sobre essas pessoas, visto que eles são muito imprevisíveis, no mesmo instante em que querem atenção, também podem ser agressivos.

A violência sempre existirá, mas se conseguirmos, pelo menos afastá-la do ambiente escolar, já teremos conseguido alcançar o objetivo de transformar a escola num lugar de aprendizagem, acolhida, um ambiente em que tanto a família como o aluno se sintam seguros e isso é o que todos nós esperamos; seja professor, gestor, família, estudante ou todos aqueles que fazem parte da família da escola, e quem sabe com algumas mudanças (ABRAMOVAY, 2003) como o diálogo, mais observação, dedicação, interação entre professor-aluno e aluno-professor, oficinas de dança, teatro, projetos com hortas e/ou jardins esses fatos lamentáveis parem de acontecer ou não sejam tão frequentes.

Devemos levar em consideração que a violência dentro da escola é o reflexo que impera nos demais espaços sociais, pode ser a escola um local onde ocorram atos lamentáveis de violências, mas devem ser combatidos porque a escola pode emitir opiniões ao responsável pelo aluno sobre educação, mas é a família que deve se responsabilizar pelo respeito no convívio social e na formação de valores, o papel da escola é justamente humanizar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Escola e violência**: situação e perspectiva. Brasília: Unesco, 2002.

_____. **Violência nas escolas**: reprimir, Prevenir ou Transformar? Escola, violência e fantasia, p.18-26. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola**: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2002.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

PONTES, Reinaldo Nobre; CRUZ, Claudio Roberto Rodrigues. **Educação inclusiva e violência nas escolas**. Belém: UNAMA, 2010.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. **Sinais dos tempos**: marcas da violência na escola. Campinas: Autores Associados, 2002.